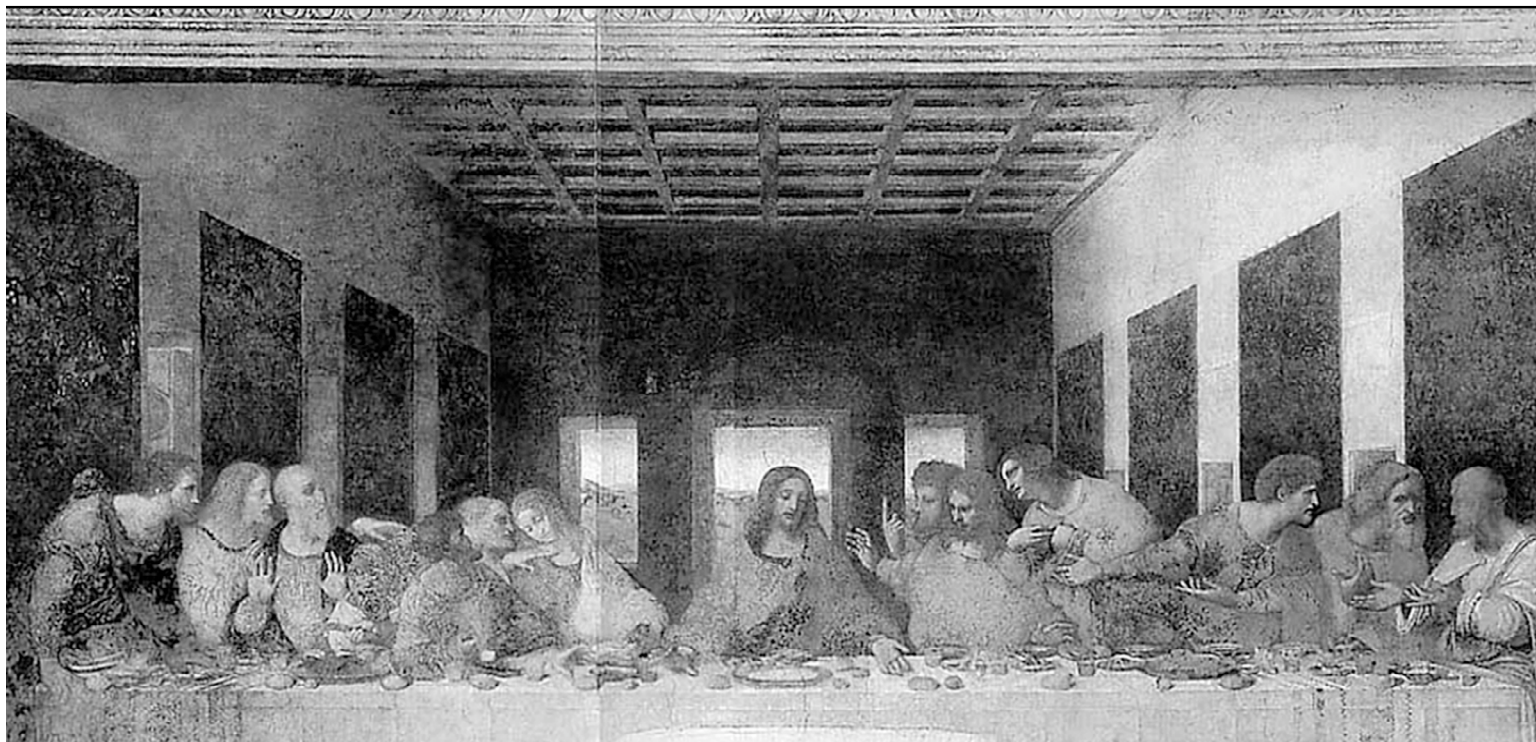


A comida e o sagrado

O alimento que satisfaz o corpo e o espírito

CHRISTIANE ALVES, GABRIELA OLIVEIRA, LEANDRO CURY E MARIANA MENDES



Na sexta-feira Santa não se come carne vermelha. Em casa de judeu o porco não faz parte do cardápio. Já na dieta Hare Krishna, somente o leite e o vegetal têm espaço. Em período de Ebó, limpeza espiritual, o que é para o santo não se come. Quando se trata de fé, a comida deixa de ser apenas um alimento para o corpo e assume um papel espiritual. Dogmas nas diversas religiões trazem proibições, permissões e atribuem funções que vão além do caráter nutricional e prazeroso da refeição.

*Não-ruminantes,
como o porco,
são considerados
animais impróprios
para o consumo*

Segundo a Bíblia, Jesus Cristo, na véspera do dia de sua morte, reuniu os seus apóstolos numa refeição festiva, a ceia pascal, e nela fundamentou o simbolismo do pão e do vinho. Seu corpo, preso na cruz, é representado pelo pão, e o sangue que ele deramou, o vinho consagrado em cada missa. A partir daí, o

próprio acontecimento daquela sexta-feira de Páscoa é o que leva os católicos a abdicarem da carne vermelha.

Já no Judaísmo, as restrições alimentares buscam relacionar o bem estar físico e espiritual. A carne de boi só é consumida quando se tem certeza de que o animal não sofreu durante o processo de abate. Dessa forma, rabinos acompanham a execução do animal, quando não são eles mesmos que realizam todo esse procedimento. Todo esse método é realizado de forma que o animal não sofra, evitando



No Hare Krishna todo alimento é oferecido ao Deus

uma descarga de adrenalina que futuramente viria a ser consumida pelo ser humano. Para os judeus, esse hormônio gera nas pessoas reações agressivas que colaboram com o mal estar da sociedade. Por isso, pretende-se matar o boi de forma instantânea (normalmente com uma facada letal) evitando assim, a produção da adrenalina.

Além disso, outros animais não fazem parte da dieta judaica. Não-ruminantes, como o porco, são considerados animais impróprios para o consumo, porque além de se alimentarem sem selecionar a comida, eles não digerem o alimento como os ruminantes, que repetem o processo de digestão mais de uma vez. Doris Acher, gerente de uma loja de artigos judaicos no Leblon, explica que alguns animais marinhos também não são consumidos pelos judeus, como o siri, o caranguejo e o camarão, “porque

eles comem qualquer coisa”. Para fazer parte da refeição, o peixe deve ter barbatanas e escamas, já que estes são considerados os mais limpos.

A vaca assume uma posição especial por ser tida como uma segunda mãe do ser humano

Já no Hare Krishna, além dos peixes, qualquer outro tipo de carne animal é excluída do cardápio. Para os praticantes dessa religião, o ser humano é, na sua essência, vegetariano. Por isso, alimentar-se de qualquer tipo de animal gera o desequilíbrio do corpo, além de contaminá-lo com hormônios prejudiciais liberados no abate. Sendo assim, nenhum desses alimentos pode ser ofertado para o deus Krishna. Todo animal é considerado sagrado, no entanto a vaca

assume uma posição especial por ser tida como uma segunda mãe do ser humano. Ela assume essa função por alimentar-nos com seu leite durante toda a vida humana.

Segundo Paravyoma Dasa, membro do Hare Krishna, todo alimento pertence ao Deus, e por isso é sempre oferecido a Ele:

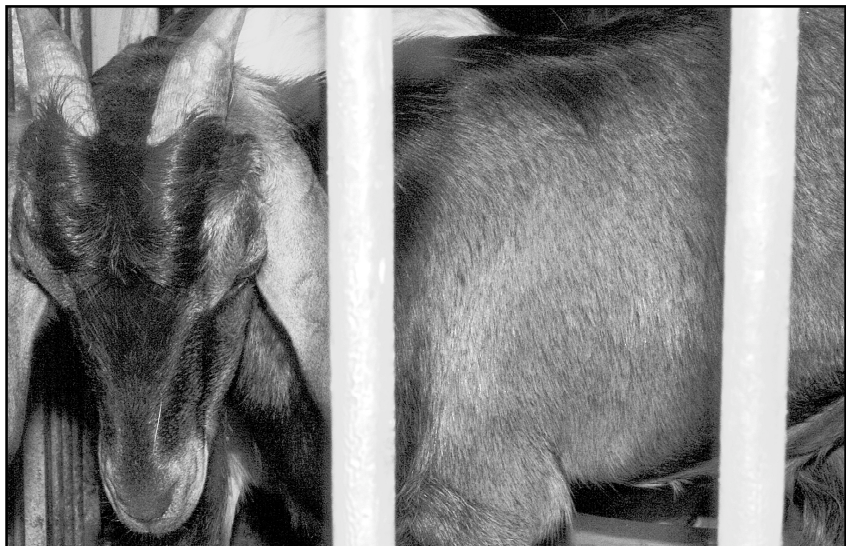
– Como o ser humano é vegetariano por natureza, automaticamente Krishna não aceita oferta de carne nem de ovos. Logicamente, Deus não precisa de comida, ele não precisa se alimentar, mas ele quer a nossa devoção. Ele se alimenta da nossa devoção porque Deus tem tudo, só não tem uma coisa: o nosso amor.

Ao contrário do Hare Krishna, nas religiões afro-brasileiras, os orixás precisam ser alimentados. Segundo a psicóloga Monique Augras, essas religiões se baseiam em um sistema de trocas e circulação de energia. Por isso, os alimentos são oferecidos para que os orixás recuperem suas energias depois de, por exemplo, dançar dentro do terreiro. Toda a energia dos orixás utilizada pelos fiéis, deve ser repostada através dessas oferendas de comida.

A galinha d'angola é considerada o animal mais sagrado e, por isso, é oferecida em rituais especiais. Em quase todas as cerimônias, deve-se oferecer a comida determinada àquela entidade, e o “filho” que a oferece não deve ingerir os mesmos alimentos durante todo o período de preparo (pois são as “comidas do santo”). É comum nesses casos o jejum parcial e temporário por

carnes, grãos e bebidas alcoólicas de acordo com cada uma das entidades. De acordo com o candomblecista Gilberto Corrêa, 41 anos, é fundamental manter-se em abstinência durante os rituais: “No período de Ebó, você não pode comer qualquer alimento ofertado, pois aquela comida é, por um tempo, exclusiva do seu orixá. Vale o sacrifício”.

Sacrifício também acontece com animais. Mortos para trabalhos e oferendas, galinhas e pombos brancos, cabras e coelhos são vendidos regularmente em casas especializadas. De acordo com Antônio de Souza, 47 anos, dono de uma loja de animais no Mercado de Madureira, no Rio de Janeiro, a grande maioria de seus clientes compram os bichos para rituais: “tem cliente aqui que gasta dois mil reais comprando frango branco, galinha d’angola e outros tipos de animais”. A loja oferece inclusive serviço de entrega domiciliar.



A cabra é um dos animais sacrificados em trabalhos e oferendas.

Mas, como nas outras religiões, existem suas proibições (quizilas) e permissões (recomendações) no dia-a-dia. No caso do candomblé e de umbanda, os orixás estão diretamente ligados a um determinado elemento da natureza (ar, terra, fogo e água), e por isso seus ‘filhos’ não devem ingerir alimentos do grupo estipulado. Por exemplo: quem tem um orixá

de fogo, não deve comer pimenta; quem é filho de Obaluaê, orixá da terra, não poderá comer caranguejo.

A comida satisfaz o corpo e o espírito. A fé sempre norteou desde simples hábitos alimentares do dia-a-dia até rituais sagrados. O prazer, muitas vezes, é deixado de lado para a obtenção de uma graça ou em sinal de respeito à crença.



Banquete dos cachorros

Misturando catolicismo popular e religiões afro-brasileiras, esse ritual desperta curiosidade e é repleto de simbolismo. Nos terreiros, durante aproximadamente três dias, ao som de tambores, o banquete acontece provocando uma grande inversão simbólica. Os cães são servidos por fiéis, como se fossem seres humanos.

O processo consiste em servir os pratos no chão sobre uma toalha bordada, como uma mesa, e na cabeceira é colocada uma imagem do santo homenageado. Serve-se normalmente arroz, carne, macarrão, galinha e salada, entre outras. Essa mesma comida é servida às pessoas que participam do ritual, e estas se alimentam somente depois dos cães, servindo-se do mesmo tipo de alimento. Alguns promesseiros chegam a comer na posição de cachorro, sem talheres e com a boca no prato. Há casos até em que o cão e o fiel comem no mesmo prato.

A origem do ritual não é conhecida, mas ele é organizado por devotos de São Lázaro e São Roque (ambos os santos são associados aos animais, principalmente aos cães) e promesseiros que queiram reconhecer uma graça alcançada. Realizado em sítios, casa ou terreiros de culto afro, esse ritual consiste em agradecer uma criatura que teve uma importância na vida desses homens. Agradando-se aos cães, agrada-se ao santo.

